

Belo Horizonte, inverno de 2018

Lauras, Fabianas, Elizetes, Janaínas, Brendas, Naiaras, Paulas, Marias, Genis,

Escrevo essa carta no intuito de compartilhar meus sentimentos com vocês e a torno pública na tentativa de fazer eco, encontrar ressonância.

Sempre acreditei que a maternidade escapa às normas sociais impostas a ela, a experiência de uma maternidade real não vai de encontro aos discursos romantizados e idealistas a seu respeito. Sejam eles machistas, patriarcais ou cristãos, por exemplo. Tais ideais tão bem corroborados e divulgados pela mídia, pelos comerciais de margarinas, campanhas do mês de maio, ou mesmo no discurso que circula entre nós, não condiz com a realidade. As máximas sobre o amor materno deveriam dar lugar a um não-saber sobre este amor e, a partir do mínimo, produzir uma abertura de possibilidades e respeito diante de cada uma das experiências mais diversas de tornar-se mãe, já que as certezas desses discursos nos empurram a um abismo e caindo nesse abismo nos tornamos para sempre mães más para os nossos filhos, o que justifica, inclusive, a retirada a priori do nosso direito de tentar conviver e aprender a ser mãe com eles.

Então, queridas mulheres, assumo a vocês que a nossa condição humana é de vulnerabilidade e nos coloca num lugar de se a ver com cada uma de nossas fragilidades, somos todos vulneráveis, como me ensinou o professor Antônio Nery, inventor do Consultório de Rua. Fico pensando em vocês diante desse contexto, que as torna, além de vulneráveis, vulnerabilizadas, condição imposta pelo capitalismo e os restos que ele produz: a desigualdade social e a miséria.

Paula, me lembro de uma conversa que tive com você, quando na ocasião, seu filho que mora com a avó em outro estado, mesmo não tendo convivido com você, lhe homenageia com trabalhos escolares no dia das mães, a mãe-Paula, como nomeia a criança de 8 anos. Você Paula, mulher em situação de rua e em sofrimento mental, ao receber uma dessas homenagens se questiona como pode essa criança a considerar mãe mesmo você não tendo suportado o seu choro sozinha, num barracão na Pedreira Padre Lopes. Como pode esse reconhecimento por parte do filho que nem mesmo teve a chance de convivência com você? Como pode ser chamada de mãe? Olha Paula, eu lhe disse e repito: sim, você é mãe, uma mãe possível. Como todas nós somos! Talvez seja este o ponto.

Quero dizer a cada uma de vocês que a gente se vira como pode e faz sempre o que é possível. As exigências que vem do outro nos tornam piores. Mães piores, mulheres piores, humanas desumanizadas e cada vez que isso acontece perdemos muitas chances de ser uma mãe possível. Digo isso me incluindo, apesar de reconhecer que falo de um lugar de uma mulher cheia de privilégios nessa sociedade, mas ainda assim, num movimento de tentar me colocar no lugar de tantas mulheres vulnerabilizadas. Paro e penso em você, Laura. Em tudo que você já me contou de sua história. Nascida e crescida na rua. Se faz mulher e mãe reciclando materiais que cata diariamente pelos lixos da cidade, como se estivesse catando os pedacinhos de si mesma, reciclando

sua própria existência. Você, mãe de dois filhos antes mesmo de completar 30 anos, vivenciando cotidianamente muitas violências. O Estado a obriga a entregar seus filhos e um deles morre. “Imagina se ele tivesse morrido sob a minha responsabilidade? ”, você pergunta aos prantos. Poxa, imagina? Ou não, nem consigo imaginar.

Fabiana, lembro quando você descobriu diagnóstico de HIV no momento do nascimento do seu filho. Vai se o filho para aguarda do Estado e fica o adoecimento. Sendo incurável a dor da perda do filho você se refugia no uso intenso do crack, que já havia controlado quando descobriu a gravidez. Lembro dos seus planos e do tanto que correu atrás para conseguir moradia digna, de todas as faxinas que fazia para ter algum dinheiro. O cômodo já tinha berço e roupinhas de bebê no varal... você disse que sua razão de viver seria o filho e que agora restava a morte. Fico pensando como você fez para sobreviver esse tempo todo e qual outra alternativa a você que não fosse a anestesia promovida pelo uso das drogas?

Naiara, seu sorriso radiava quando carregava em seu ventre os gêmeos. Lembro do seu corpo ganhando contornos, de sua vida seguindo outros rumos, do seu reencontro com sua família e da interrupção do uso de drogas diante do seu sonho de ser mãe. Sonho que lhe fora destituído a partir do momento em que fora visitar os filhos que já não se encontravam na maternidade. Eu queria que você soubesse que não tenho o que te dizer diante disso, viu?

Lembro me também da fama que você, Elizete, ganhou após ser protagonista de uma reportagem midiática golpista chamada de “os filhos do crack”. Quando fui te visitar na maternidade, você com seu filho lindo nos braços, questiona: “pedra tem filho”? Não, não tem. Pedra nem vida tem. Agora, você e seu filho, sim.

A experiência da maternidade, minhas caras, só é possível com muito suporte, no sentido de suportar e de encontrar apoio. Requer e demanda uma Rede ativa, lugar onde ao menos um se interesse em cuidar do par mãe-bebê para que ambos possam conviver e traçar algum caminho juntos. Eu desejaria a cada uma de vocês conseguir chegar até as consultas de pré-natal e encontrar olhares acolhedores ao invés de julgamentos. E assim, ter o desejo de cuidar de si e do próprio filho como algo no horizonte. Me parece que isso não é pedir demais. Sabiam que isso é um direito de todas nós?

Eu aprendi, antes mesmo de ser mãe, que uma rede só é possível ser constituída com movimento. Seja uma rede de descanso, esta que pode embalar nosso corpo e nos trazer algum conforto, seja uma rede de pesca, em que só se consegue fisgar algum peixe justamente pelo fato de se movimentar. O que faltou para serem capturadas? Por que estão fora ou à margem de uma rede?

Além disso, penso que se faz preciso que cada uma de vocês encontrem mais portas abertas e menos empecilhos, que só fazem as portas irem se fechando, até que vocês deem com a cara na porta. Que encontrem ao menos frestas, onde possa entrar ar e luz. Que as vidas de vocês não fossem resumidas

a um diagnóstico médico ou a algum objeto, já que isso é o que torna bastante perigoso os rumos que virão a partir daí. Que a cor da pele não sirva de pretexto para a prática de atrocidades e exclusão.

Eu lhes desejaria poder sentir o filho de vocês no colo, sem ter os seios enfaixados ou sem ter um olhar de preconceito para esta cena. Desejaria que pudessem contar a alguém quem vocês são e porque a vida é tão sofrida e difícil assim. Que pudessem dizer sobre o nascimento de vocês, sobre como é a relação com as suas próprias mães. E que alguém as escutasse de verdade e pudesse respeitar suas decisões sobre a sua vida e não lhes impor soluções que vem por decreto, de maneira arbitrária. E ainda poder sair da maternidade com o filho enrolado numa manta e não escondido numa sacola de supermercado. Que pudessem encontrar mais abrigo para junto viverem com seus filhos.

Gostaria que as vidas de vocês tivessem mais encontros, para que assim, a partir de um laço singular com um outro alguém, algo na vida as fizesse sentir. Que pudessem compartilhar de uma rede, que nos fins das contas são sempre compostas de humanos, de gente, com anseios, desejos, medos, preconceitos, assim como todas nós. Uma rede de encontros em meio a tantos desencontros, fazendo alusão ao poeta.

Bom, me despeço dizendo um até breve a cada uma de vocês, almejando um dia, quem sabe, uma resposta a essa carta e que tal resposta venha me mostrando outros caminhos, outros rumos, outros encontros, outras histórias, outros desfechos e quiçá um outro mundo para se viver!